

# Reflexões sobre conceitos e definições atinentes aos tipos de turismo e ao turismo indígena

Sandra Dalila Corbari<sup>1</sup>  
Miguel Bahl<sup>2</sup>

## Resumo:

O turismo foi fortemente influenciado pelo modelo Fordista de produção e consumo, porém na década de 1980 surgiu o Pós-Fordismo, impactando também nessa atividade. Surgiram, assim, diversos “novos turismos” que promoviam experiências autênticas, dentre eles o turismo cultural, o turismo étnico, o “turismo indígena” e o turismo em áreas indígenas. Desse modo, com a presente pesquisa buscou-se, através da análise bibliográfica, explorar as especificidades desses tipos e segmentos turísticos que permeiam a relação entre o turismo e as comunidades indígenas. Verificou-se com a pesquisa que os investigadores adotam diversos tipos de conceitos para cada tipo de turismo, evidenciando uma diferenciação, porém ao mesmo tempo uma interrelação entre eles. Por constatarem-se as diferenças existentes de conceituação, foi proposta uma divisão dos segmentos, conforme características descritas pelos autores. Tal divisão foi apresentada em forma de esquema e também percorrida textualmente. Compreende-se que a discussão conceitual é importante para a construção da teoria sobre o turismo, mas também para o próprio entendimento de suas especificidades.

Palavras-chave: Turismo e sociedade. Turismo étnico. Turismo Cultural. Comunidades indígenas. Conceituação.

## Introdução

A atividade turística foi fortemente influenciada pelo modelo fordista de produção em consumo, promovendo o denominado turismo de massa, principalmente no segmento de sol e praia (Torres, 2002). Entretanto, segundo esse autor, a homogeneização e uniformização dos destinos turísticos foram debilitadas com o surgimento de um modelo em resposta ao Fordismo, o Pós-Fordismo. Tal modelo representou um movimento do turismo de massa para um turismo mais diversificado, com uma maior gama de produtos e surgimento de segmentos turísticos que se adequavam a diferentes tipologias de turistas, a novas demandas que almejavam por experiências distintas e autênticas (Pereiro *et al.*, 2012; Torres, 2002; Santana Talavera, 2003).

Desse modo, surgiram a partir do final da década de 1980 diversos “novos turismos”, que promoviam experiências autênticas junto à natureza, à cultura e à comunidade ou em uma combinação desses elementos (Santana Talavera, 2003). Entre esses novos segmentos encontram-se o turismo cultural, o turismo étnico ou etnoturismo e o turismo indígena, os quais possuem

---

<sup>1</sup> Graduação em Turismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda e Bolsista CNPQ do Programa de Pós-Graduação em Turismo (UFPR). Email: corbari91@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Turismo (UFPR) e Mestrado e Doutorado em Ciências da Comunicação (USP). Professor da Universidade Federal do Paraná junto ao curso de graduação e mestrado em Turismo e nos de mestrado e doutorado em Geografia (UFPR). Email: migbahl@ufpr.br

conceitos que se interrelacionam e que, por vezes, são defendidos sob diferentes óticas pelos pesquisadores, promovendo uma gama de conceitos para um mesmo tipo de turismo.

O presente artigo se centra nesses tipos de turismo e busca, através da análise bibliográfica, explorar as especificidades dos segmentos turísticos e apresentar uma reflexão sobre os conceitos, defendidos por pesquisadores nacionais e estrangeiros, de turismo envolvendo comunidades indígenas, bem como sua relação com o turismo cultural, turismo étnico e outras perspectivas como o ecoturismo, o turismo sustentável e o turismo de base comunitária. Após a apresentação da análise bibliográfica, apresenta-se uma proposta de divisão dos segmentos e tipos de turismo conforme suas características, exposta em forma de texto e também em um esquema gráfico, em seguida têm-se as considerações finais da pesquisa.

### **O pós-turismo, o pós-turista e a segmentação do turismo**

O turismo foi fortemente influenciado pelo modelo fordista de produção e consumo, modelo este que se intensificou no período entre o final da Segunda Guerra Mundial até a década de 1970 (Harvey, 1996). Para Torres (2002) as principais características que confirmam a existência do modo de produção fordista no turismo são: o consumo coletivo, com concentração de visitantes em uma mesma localidade; perfil padrão de consumidores, verificado através da presença em massa de uma determinada tipologia de turistas; turismo de massa, principalmente no segmento de sol e praia; estandardização dos produtos turísticos, visível a partir da proliferação de pacotes e empreendimentos internacionais.

O ciclo de vida dos destinos os tornou fantasias monocores e homogêneas, sendo que alguns destinos se diferenciavam por ínfimos pedaços de originalidade, presentes em danças, celebrações ou pratos estereotipados (Santana Talavera, 2003). Esse autor aponta que se revelavam custos e impactos não previstos nos destinos, uma alta competitividade entre os mesmos, uma ampla demanda exigente e um globo cada vez mais estreito por conta da facilidade de deslocamento e similaridade de ideias. Porém, na década de 1970, surge o Pós-Fordismo (Harvey, 1996; Pereiro *et al.*, 2012). Este modelo surgiu em decorrência dessa homogeneização e uniformização dos destinos turísticos e representou um movimento do turismo de massa para uma atividade turística mais diversificada, com diferenciação de produtos e surgimento de novos segmentos turísticos, fixando o “olhar do turista” sobre a paisagem ambiental, cultural e social (Pereiro *et al.*, 2012; Torres, 2002; Santana Talavera, 2003). Pereiro *et al.* (2012) ressaltam que, com este modelo, foi possível entender melhor a valorização do patrimônio cultural, a transformação de eventos em festivais, a nova ética ecológica do turismo, o turismo de negócios, entre outros. A nova demanda transforma qualquer espaço em um espaço turístico e “turistifica” qualquer tema

Molina (2003) apresenta o pós-turismo e o caracteriza como tendo alteração das preferências da demanda, que busca novas experiências, conduzindo à ampliação do mercado turístico e novas expectativas por parte das comunidades receptoras que passam a almejar os benefícios do turismo, tendo em vista que o modelo turístico anterior não trouxe vantagens para o desenvolvimento social das comunidades.

Esse debate inicial faz-se necessário, pois ao abordar distintos segmentos turísticos é necessário compreender que os mesmos surgiram em decorrência de uma nova necessidade, através da pressão da demanda por experiências diferentes e autênticas, assim como defendido por Santana Talavera (2003). Para o referido autor, esses novos produtos deveriam possuir a qualidade de serem, ao menos aparentemente, ofertados a uma minoria, serem economicamente viáveis, e não serem causadores dos mesmos efeitos do turismo de massa.

Assim, desde o final da década de 1980 assistiu-se a aparição de uma gama de “novos turismos”, que se apresentam como formas diferentes de se praticar o turismo e promovem uma experiência satisfatória ao cliente, a experiência autêntica junto à natureza, à cultura, à comunidade ou em uma combinação dos mesmos, sobre uma diversidade de denominações (Santana Talavera, 2003), dentre as quais as que se apresentam a seguir: o turismo cultural, o etnoturismo ou turismo étnico e o turismo indígena.

## **O turismo cultural**

O segmento de turismo cultural é visto por Pereiro (2009) como sendo parte do modelo pós-fordista, uma vez que o autor posiciona esse segmento como uma alternativa ao turismo de sol e praia. O autor aborda que o turismo cultural tem se convertido em uma etiqueta de distinção social, contribuindo para a construção de identidades nas suas práticas rituais.

Costa (2009) e Faria (2007) conceituam o turismo cultural como um segmento que por meio da apreciação, vivência e experimentação direta do patrimônio cultural, material e/ou imaterial e utilizando-se da comunicação interpretativa, proporciona aos visitantes a participação ativa na construção do conhecimento acerca do patrimônio cultural e seu contexto histórico e social. A este conceito Pereiro (2009) acrescenta o contato com as produções culturais, como as festividades.

Valence Smith (1989), precursora do debate sobre a conceitualização do turismo cultural, defende que, as formas de turismo, conforme as preferências dos turistas, podem ser classificadas em cinco: étnica, cultural, histórica, ambiental e recreativa (*Sun, sea and sand*). Para a autora o turismo cultural abarca a “cor local”, e está relacionado a modos de vidas em processo de extinção, porém, que permanecem na memória humana por meio do patrimônio, como casas pitorescas, automóveis típicos, artesanato e trabalhos manuais. É exatamente a cor local que

diferencia o turismo cultural do turismo étnico, segundo Berghe e Keyes (1984), pois naquele há uma absorção mais difusa da “cor local”, tendo uma ênfase nos objetos materiais, como a arquitetura, o vestuário, entre outros que vão além do modo de vida de um grupo étnico particular.

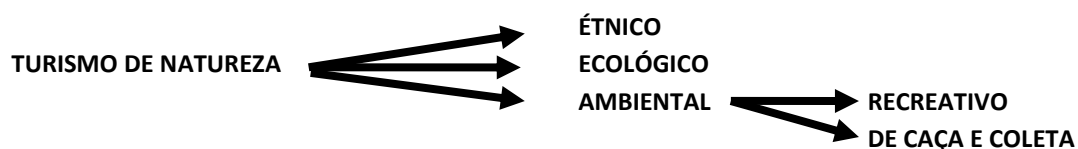
Para Smith (1989), entre as atividades do turismo cultural costuma-se incluir, por exemplo, a experimentação da gastronomia em pousadas rústicas, os espetáculos folclóricos, os festivais vinícolas e os rodeios, ou seja, nessa visão trata-se de um turismo campesino, excluindo desse contexto o espaço urbano. Swarbrooke e Horner (2011) remetem ao turismo cultural atividades como visitas a destinos e/ou atrativos que representam patrimônios; participação em festas tradicionais; férias motivadas pelo desejo de experimentar a culinária local, regional ou nacional; participar de atividades de lazer locais; visitar locais de trabalho, como fazendas, centro de artesanato ou fábricas; e assistir a eventos esportivos tradicionais. Já Santana Talavera (2003) engloba a participação em eventos locais, encontros com populações exóticas e culturas distantes, a observação de monumentos, edifícios, povoados ou cidades que tenham como marca o legado de seu passado real ou hiper-real. Entende-se que essas atividades são uma mescla dos atrativos do turismo cultural e do turismo étnico.

Santana Talavera (2003) realmente não separa o turismo cultural do turismo étnico, ao contrário, para o autor o turismo cultural é uma denominação mais generalizada e abrangente do turismo étnico, ecoturismo, turismo rural, entre outros. Este autor aponta que o turismo cultural está relacionado com a atração de exercer “o que as pessoas fazem”, englobando a cultura popular, as artes e galerias, a arquitetura, os eventos festivos, os museus e lugares históricos e patrimoniais. O objetivo da viagem é que o turista experimente a cultura, tanto no sentido estético, como no intelectual, emocional e/ou psicológico.

Como pode ser observado na divisão que faz, Smith (1989) distingue o turismo cultural do turismo histórico, para ela o turismo histórico engloba os museus e catedrais que fazem menção às glórias do passado e as atividades mais frequentes costumam serem excursões com acompanhamento de um guia de turismo a monumentos e ruínas, e espetáculos de luz e som. Melanie Smith (2003) defende que há diferentes tipos de turismo cultural: o turismo patrimonial, o turismo das artes, o turismo criativo, o turismo urbano, o turismo rural, o turismo indígena e o turismo popular. Faria (2007) por sua vez divide o segmento em turismo histórico, turismo gastronômico, turismo folclórico, etnoturismo (turismo cultural e étnico), turismo religioso, turismo esportivo, entre outros. Para Graburn (1989), no entanto, há o turismo cultural e o turismo de natureza, conforme pode ser visto no esquema abaixo, e estão inseridos no turismo cultural o turismo histórico e o turismo étnico, que por sua vez, está inter-relacionado com o turismo de natureza.

#### **ESQUEMA 1 - Interrelação dos tipos de turismo**





Fonte: Graburn (1989: 61).

Apesar de ser tratado como um segmento do turismo, Pereiro (2009) defende que, em um sentido genérico, o turismo pode ser entendido como uma prática cultural, é uma expressão cultural e por isso falar de um turismo cultural seria reiteração.

### O etnoturismo ou turismo étnico

O etnoturismo, aqui entendido como sinônimo para o turismo étnico, sobrepõe-se em um sistema pré-existente de relações étnicas entre um grupo dominante e um ou mais grupos marginalizados (Berghe, 1995). As comunidades e povos étnicos envolvidos com o turismo tendem a ser, segundo Swain (1989), povos debilitados, seja pela história de exploração, pela carência de recursos e poder insuficiente e/ou por não disporem dentro de seus territórios de grandes belezas naturais e, por isso, tais povos se veem obrigados a recriar sua etnicidade, bem como reivindicar seu território. Por isso, a natureza do turismo étnico, tal como o turismo ecológico, compreende um conceito territorial.

Esse segmento pode ser compreendido como uma forma de turismo na qual as populações são o atrativo turístico, oportunizando uma discussão antropológica, ecológica e sociológica (Lacerda, 2004). Faria (2005; 2007) acrescenta que esse segmento é parte do turismo cultural e utiliza a identidade e cultura de determinado grupo étnico como atrativo turístico. Oliveira e Jesus (2010) apresentam esse tipo de turismo como um segmento vinculado diretamente ao turismo cultural, sendo que o que os diferenciam são os traços de pertença e etnicidade dos grupos e comunidades onde ocorre o turismo étnico. Segundo Graburn (2009) o turismo étnico depende de transmitir a diferença e exotismo das comunidades receptoras e as mesmas forças contribuem para a autorrepresentação étnica regional e até nacional. A cultura “autêntica” é colocada na vitrine.

Na visão de Pereiro *et al.* (2012) o etnoturismo é uma denominação para o turismo étnico, turismo indígena, turismo aborígine, entre outros e para Faria (2005; 2007) esse segmento engloba o turismo indígena e o turismo étnico. Ademais, está vinculado a uma crença ocidental de que são os povos aborígenes os preservadores dos valores humanos mais autênticos e que eles mantêm um vínculo muito forte com a natureza e com o meio natural, relação esta já desgastada no ocidente (Pereiro *et al.*, 2012). Faria (2005; 2007) e Oliveira e Jesus (2010), entretanto, defendem que esse segmento não é desenvolvido prioritariamente pelos povos indígenas, pois é

um equívoco utilizar o prefixo “etno” apenas para esses povos, esquecendo outras identidades como, por exemplo, no Brasil os quilombolas, as comunidades que representam os processos de imigração europeia (italianos, alemães, pomeranos, entre outros) e outros grupos que valorizam seu legado histórico-cultural e o saber-fazer tradicional.

Destaca-se também Graburn (1989) que defende que o turismo étnico é uma combinação do turismo cultural e do turismo de natureza, assim com afirmado anteriormente. Já para Santana Talavera (2003) o turismo étnico pode ser caracterizado como “turismo alternativo”, juntamente como o turismo ambiental e o ecoturismo, sendo que tais segmentos seriam alternativos ao turismo recreativo mencionado por Smith (1989), ao qual Santana Talavera insere um quarto elemento, o sexo (*sex*).

Para Berghe e Keyes (1984), Smith (1989) e Barretto (2005) o turismo étnico tem como atração principal o exotismo cultural de uma determinada população. Bahl (2009) defende que esse tipo de turismo pode ser entendido como um modo de expressão de interesse pela cultura e pelo modo de vida de outros povos, bem como uma tentativa de compreender as diferenças entre os povos. São parte do atrativo os artefatos, tais como a arquitetura, vestuário, teatro, música, dança, entre outros, onde o turista busca por experiências que não podem ser vivenciadas em seu local de residência habitual (Berghe; Keyes, 1984). Conforme os autores no turismo étnico os “nativos” não estão disponíveis simplesmente para atender aos turistas, como empregados na atividade turística. Os “nativos” são o atrativo, um espetáculo vivo. Swain (1989) acrescenta que há caráter mercantil no turismo étnico, uma vez que ele significa comercializar as atividades turísticas baseadas na vida típica de uma população. Smith (1989) destaca que entre as atividades do turismo étnico pode-se mencionar as visitas às casas e aldeias/comunidades indígenas, espetáculos de danças e cerimônias típicas, assim como a aquisição de suvenires e artesanato.

Barretto (2005) ressalta que, o turismo étnico pode ser praticado em lugares onde as etnias “sempre” estiveram presentes, como é o caso dos povos indígenas na América e tribos da África, ou em locais onde as etnias não são nativas, mas foram transplantadas, como é o caso de colônias de imigrantes. A referida autora expõe que o debate em torno do e desse segmento leva a questionamentos, inclusive no que tange aos direitos humanos e à ética, como, por exemplo, qual é o limite do que pode ser “turistável” na comunidade e se as comunidades devem inventar e reinventar tradições ou se seria uma melhor opção pesquisar sua história e considerar a memória coletiva.

Para Berghe e Keyes (1984) esse tipo de turismo constitui um caso interessante no que tange às relações étnicas. Nesse sentido, há um esforço para fazer contato com uma realidade diferente, com a natureza não domesticada, com o passado alheio, com o comportamento de pessoas culturalmente distintas. Acima de tudo há uma tentativa de que tal encontro seja uma experiência autêntica.

Lac (2005) aborda que o fator principal no etnoturismo é a atração cultural ou a diferença estabelecida mediante a existência de uma fronteira étnica, que terá interpretações diferentes das

atrações naturais no etnoturismo e no ecoturismo. Parte do exotismo procurado pelos turistas é inerente às fronteiras étnicas, uma vez que o turismo envolve contato com “nativos” através de uma barreira cultural. Entretanto, se o turista não busca o exotismo étnico, mas sim a contemplação da paisagem, dos monumentos arqueológicos ou outro aspecto; o exotismo, a fronteira étnica, bem como a linguística em geral, poderão ser fonte de irritação e ansiedade (Berghe; Keyes, 1984).

Assim como no turismo cultural, abordar-se o turismo étnico é uma reiteração, uma vez que, na medida em que o turista pertence a um grupo étnico distinto dos autóctones visitados, e na medida em que os turistas e a comunidade receptora interagem então o turismo é uma forma de relação necessariamente étnica, sendo duplamente verdadeira no turismo étnico ou etnoturismo (Berghe; Keyes, 1984; Berghe, 1995). Essa mesma ideia é defendida por Grünewald (2002) que ressalta que o turismo étnico pode ser considerado a partir de duas perspectivas, sendo a primeira, o que é pedido ou desejado pelo turista, ou seja, o foco da viagem seria o “nativo” e a segunda é através do que o turista encontra/vê durante sua experiência no destino. Essa ideia traz uma reflexão sobre o fato de que é possível admitir que o fato de realizar-se uma visita à outra nação ou grupo étnico torna o turismo, em geral, étnico. Entretanto o que define o segmento de turismo étnico é o movimento para a construção de uma etnia para exibição em uma arena turística.

Esses objetos turísticos ainda se encontram longe dos “caminhos trilhados” e atraem um número limitado de visitantes, estimulados pela curiosidade e pela sanção de uma elite formada por seus semelhantes (Smith, 1989). Para a autora enquanto a afluência de visitantes seja esporádica e reduzida, o impacto que se produzirá nas comunidades, pela mútua interação entre “convidados e anfitriões” seguirá sendo mínimo.

## **O “turismo indígena” e o turismo em áreas indígenas**

Ao abordar o “turismo indígena” e o turismo (aqui denominado) em áreas indígenas, considera-se ser necessário primeiramente abordar algumas questões referentes a esses povos.

Conforme o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro (1957), indígena é a parcela da população que não se adapta à sociedade em geral, são motivados por costumes, hábitos e lealdade a uma tradição pré-colombiana. Ademais é indígena todo aquele que se reconhece como membro de uma comunidade pré-colombiana e que possui identificação étnica distinta da nacional e, além disso, que seja entendido como indígena pela população nacional. Apesar de que essa conceituação é voltada para os indígenas brasileiros, ressalta-se o termo “tradição pré-colombiana”, como designação geográfica para as Américas. Nesse sentido, destaca-se que essa identidade foi atribuída por Cristóvão Colombo aos habitantes do território que depois seria

denominado América, uma vez que ao chegar ao território esse explorador e sua equipe acreditavam haver alcançado a Índia (Caleffi, 2003; Santos, 2006). Alguns pesquisadores utilizam o termo “turismo indígena” generalizando o turismo envolvendo as populações pertencentes a algum território antes de sua colonização (Smith, 1989; Smith, 2003; Pereiro *et al.*, 2012).

Outra questão a ser abordada é o termo “turismo em terras indígenas”, diversas vezes utilizado por autores. No caso do Brasil o Estatuto do Índio categoriza as áreas designadas pelo Estado às comunidades e povos indígenas em: Reserva Indígena, área destinada a ser o local de moradia dos grupos indígenas; Parque Indígena, área contida dentro de uma Terra Indígena, onde se permita assistência econômica, educacional e sanitária do Governo, e onde se preservem as reservas de flora, fauna e belezas naturais locais; Colônia Agrícola Indígena, área destinada à exploração agropecuária, por diversas tribos, administradas pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI; e Território Federal Indígena, unidade administrativa subordinada à União, instituída em uma localidade onde pelo menos um terço da população seja indígena (Lei n. 6001, 1973). Gallois (2004) aborda a diferença entre território e Terra indígena. A noção de Terra Indígena diz respeito ao processo de reconhecimento político e jurídico por parte do Estado, enquanto território remete à construção e vivência da relação entre uma sociedade e sua base territorial. Assim, considera-se mais adequado utilizar o termo “turismo em áreas/territórios indígenas”, uma vez que nem todas as comunidades indígenas estão inseridas em alguma Terra Indígena (como, por exemplo, as comunidades urbanas).

No que tange à conceitualização dos termos, o “turismo indígena” está associado ao turismo étnico, pois este último, se forma a partir dos resultados de dois tipos de sentimento: o primeiro está associado ao aparato social e à cultura de uma determinada localidade com sua identidade e diferenciação; e o segundo, está ligado à ideia de divulgação da existência de um grupo ou etnia, visando a seu reconhecimento e sua inserção em um contexto nacional ou internacional, conforme afirmado por Bahl (2009).

Na visão de González (2008) o “turismo indígena” compreende as atividades onde as comunidades indígenas oferecem ao visitante a oportunidade de compartilhar de suas tradições e costumes. Este compartilhamento de experiências contribui para a valorização e preservação dos elementos culturais dessas comunidades, além do reconhecimento de sua identidade. Esse autor se baseia no turismo em comunidades indígenas do México, onde está pautado no desenvolvimento de microempresas sociais que busquem o resgate das tradições e da identidade das comunidades e, conseqüentemente, a revalorização e reapropriação da cultura e do território.

Yázigi (2007) faz uma ressalva e destaca que há o turismo étnico, desenvolvido em meio a identidades exóticas, como os indígenas e os aborígenes. Porém diferencia-se o turismo indígena exercido pelos indígenas do ecoturismo indígena, quando há a presença de uma comunidade indígena. Neste caso o modo de vida da comunidade se torna o atrativo principal, e não somente seu artesanato e danças típicas.



Esse é o mesmo posicionamento de Swain (1989) que defende que o “turismo indígena” é o tipo de turismo que tem suas bases na terra e identidade cultural de um grupo indígena e que é controlado por ele. Faria (2007), no entanto, defende que esse turismo pode ser desenvolvido nos limites das terras indígenas (aqui se lê áreas indígenas) ou fora delas, desde que a identidade cultural do local seja a indígena e o turismo seja gerido por comunidades ou povos indígenas. Oliveira (2006), no entanto, afirma que o turismo indígena é um turismo emissivo, ou seja, é o turismo realizado pelos próprios indígenas e o turismo em territórios indígenas é um turismo receptivo, no qual turistas visitam territórios pertencentes a um grupo ou comunidade indígena.

Maldonado (2009, p. 29) destaca que “desde a perspectiva da afirmação cultural, é inegável a fascinação que a realidade indígena exerce sobre a imaginação do turismo internacional e nas motivações pessoais dos viajantes”. A riqueza cultural dessas comunidades é expressa por meio de diversos rituais, celebrações e festividades.

No que tange ao turismo em áreas indígenas, este é por vezes associado ao ecoturismo. Chaves (2012), no entanto, defende que o turismo nessas áreas extrapola o conceito de ecoturismo, para ele o interesse turístico, o atrativo em questão, são os próprios indígenas, bem como sua organização social, costumes, tradições e crenças e não o ambiente natural local. Guimarães (2006) ressalta também que mesmo que se escolha denominar o turismo em áreas indígenas de ecoturismo, essa designação é neutra e carrega preconceitos, posicionando os indígenas como animais e, desse modo, ao abordar-se o turismo em áreas indígenas outros conceitos parecem mais apropriados aos olhos do autor, como o próprio turismo étnico. Nesse sentido, considera-se que cabe também abordar outras concepções sobre o turismo em áreas indígenas.

### **Outras concepções: ecoturismo e turismo de base comunitária**

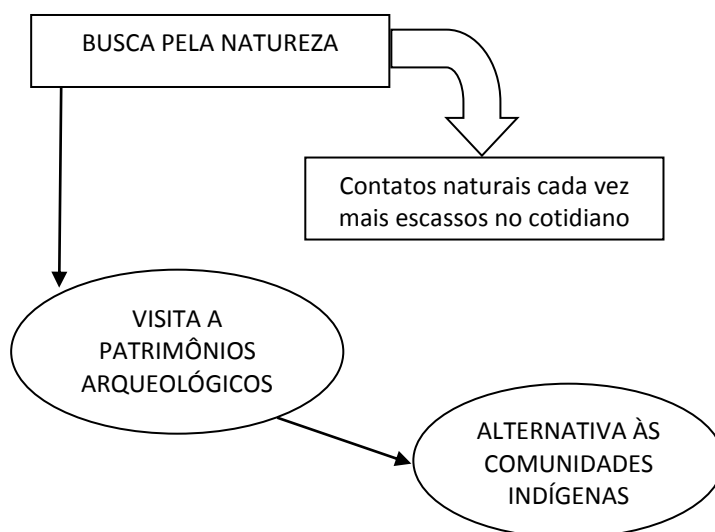
Alguns autores relacionam o turismo em áreas indígenas com o ecoturismo. Para Faria (2005) esse segmento é uma convergência do turismo de natureza com o turismo cultural e tem um caráter comunitário pautado no planejamento participativo.

Cabe destacar que, para a autora supracitada o ecoturismo não deve ser confundido com o turismo ecológico ou com quaisquer atividades turísticas que sejam pautadas no patrimônio natural como atrativo principal. Nesse sentido, Chaves (2012) parece não concordar com tal afirmação e aborda que o conceito de “turismo em terras indígenas” extrapola o conceito de ecoturismo (apesar de que este é possivelmente um segmento expressivo), uma vez que aquele tipo de turismo tem como base o indígena como atrativo principal, bem como a sua organização social, costumes, tradições e crenças e não no ambiente natural no qual as comunidades indígenas estão inseridas.

Outro conceito utilizado aliado ao turismo em áreas indígenas é o turismo de base comunitária. Sampaio, Fernandes e Philippi Junior (2010) abordam que essa atividade parte do princípio de que ainda há alguns modos de vida não urbanos que podem sinalizar aprendizados a respeito da sustentabilidade do desenvolvimento humano, mesmo que essas comunidades representem, para o senso comum, modos de vidas obsoletos e que contem com uma desvantagem histórica. Dentre essas comunidades, os autores assinalam como exemplos as comunidades extrativistas, pesqueiras, ribeirinhos, faxinalenses, quilombolas, caiçaras e as indígenas, entre várias outras. Cabe destacar, no que tange à dimensão conceitual do turismo de base comunitária, que ele tem como motivação a superação da lógica capitalista utilitarista-materialista através dos princípios de equidade social, prudência ecológica e responsabilidade econômica (Fortunato; Silva, 2013), ou seja, o turismo de base comunitária não representa um segmento do turismo, mas sim uma alternativa ao turismo de massa. Ademais, assim como destacado por Araujo e Gelbcke (2008) tem-se comumente relacionado todos os projetos turísticos envolvendo comunidades com o turismo comunitário, o que não é uma verdade.

Nesse sentido, destaca-se Campos (2007) que aborda o turismo em áreas indígenas como parte do turismo sustentável (no qual o turismo de base comunitária se insere). Esse autor apresenta o turismo em áreas indígenas através do diagrama abaixo, no qual destaca as questões da presença de ambiente natural, e a constante busca pelo mesmo por parte dos turistas, e de patrimônio arqueológico.

**DIAGRAMA 1 - O potencial de crescimento do turismo étnico e de benefícios à comunidade em regiões bem ordenadas**



Fonte: Campos (2007).

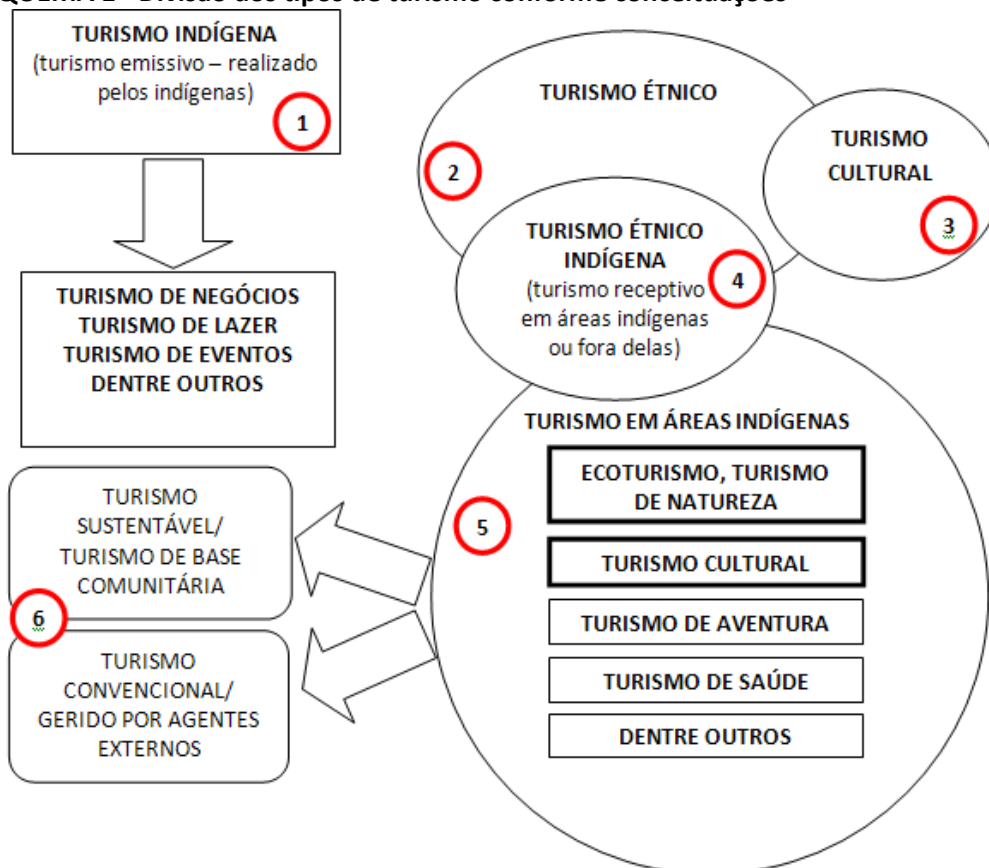
Assim, pode-se perceber que há diversas designações para o turismo em áreas indígenas, e este está por vezes relacionado a um tipo de turismo que seja aliado ao interesse pelo ambiente

natural, como o ecoturismo e que seja pautado nas premissas da sustentabilidade, com desenvolvimento turístico baseado na gestão pelas comunidades receptoras.

### Proposta de divisão dos segmentos e tipos de turismo

Após uma análise bibliográfica, abrangendo autores nacionais e estrangeiros, que apresentam os conceitos de turismo cultural, turismo étnico, turismo indígena e turismo em áreas indígenas, sob diferentes óticas, ressalta-se a necessidade de apresentar um modelo de divisão dos conceitos, conforme a especificidade de cada elemento, levando em conta as suas interrelações. O modelo segue no esquema abaixo e é explicado em seguida.

**ESQUEMA 1 - Divisão dos tipos de turismo conforme conceituações**



Fonte: Os autores (2014).

O esquema apresentado acima representa uma separação dos tipos de turismo conforme análise das conceituações e caracterizações a partir dos autores anteriormente apresentados. O esquema representa o seguinte:

1) Turismo indígena: esse tipo de turismo representa o turismo emissor realizado pelos indígenas, tal como defendido por Oliveira (2006). Esse turismo em realidade pode ocorrer vinculado a qualquer segmento, porém como exemplo tem-se o turismo de negócios para venda de artesanato, o turismo de lazer com visita a outras comunidades, o turismo de eventos com participação em congressos, feiras, mostras, entre outros.

2) Turismo étnico: esse segmento não está inserido no turismo cultural, mas sim representa um segmento independente, como defende Smith (1989), Berghe e Keyes (1984) e Berghe (1995). Entretanto, em parte, o turismo étnico se relaciona com o turismo cultural. Entende-se que o turismo étnico está pautado no exotismo de determinada comunidade e no interesse do turista por sua cultura e modo de vida, por isso o turismo étnico pode ser desenvolvido em qualquer comunidade, incluindo aqui as comunidades indígenas.

3) Turismo cultural: o turismo cultural representa um segmento composto por uma gama de “subsegmentos”, como o turismo gastronômico, o turismo arqueológico, o *dark tourism*, o turismo histórico e o turismo arquitetônico, apenas para exemplificar. Concorde-se com Costa (2009), Faria (2007), Berghe e Keyes (1984) que abordam que o turismo cultural relaciona-se com a experiência junto ao patrimônio cultural material ou imaterial. Também se concorda com Smith (1989) que defende que o turismo cultural diz respeito a culturas extintas ou em vias de extinção, mas que se perpetuaram nos patrimônios, como arquitetura e vestimentas. O turismo cultural se relaciona com o turismo étnico uma vez que, entende-se que o modo de vida de uma comunidade e o seu exotismo são pautados em diversos aspectos da cultura local, e por vezes esses aspectos incluem a arquitetura, o artesanato e as artes, as vestimentas, a gastronomia e os festivais tradicionais.

4) Turismo étnico indígena: a denominação “turismo étnico indígena” diz respeito ao turismo étnico desenvolvido em áreas indígenas ou fora delas desde que a identidade local seja a indígena e a atividade turística seja gerida por um grupo ou comunidade indígena, assim como destacado por Faria (2007). Tendo em vista que, defende-se que o turismo indígena é o turismo emissor, faz-se necessário uma diferenciação entre os termos. Esse turismo, por sua vez, diferencia-se do turismo em áreas indígenas.

5) Turismo em áreas indígenas: o turismo em áreas indígenas é visto aqui como qualquer turismo que ocorra dentro de uma área pertencente a um ou mais grupos indígenas. Nesse sentido, concorda-se com Chaves (2012) e Guimarães (2006) que destacam que o turismo em áreas indígenas extrapola o conceito de ecoturismo. Na maioria das vezes as comunidades indígenas estão inseridas em áreas naturais, como, por exemplo, no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso do Sul (Brito, 2009) e no Parque Nacional do Pico da Neblina, no Amazonas (Faria, 2005), e por isso é aliado ao ecoturismo. Entretanto destaca-se que o conceito de turismo em

áreas indígenas tem relação com um fator territorial, porém o turista pode estar buscando outro tipo de turismo como o turismo científico (realizado por científicos e antropólogos), o turismo de aventura, o turismo de saúde (medicina tradicional), turismo cultural e o próprio turismo étnico indígena.

6) Turismo de base comunitária/sustentável: tanto o turismo étnico indígena quanto o turismo em áreas indígenas podem ser desenvolvidos sob a ótica da sustentabilidade e pela própria comunidade, sendo caracterizados assim como um turismo tido como sustentável e como turismo de base comunitária. No entanto, há casos em que se desenvolve o turismo convencional, controlado por agentes externos, sem a participação das comunidades no processo de planejamento, gestão e controle da atividade.

A partir da conceituação e caracterização dos segmentos por diversos pesquisadores, criou-se a presente proposta de divisão dos segmentos e tipos de turismo, com suas referidas interrelações. Cabe destacar que o que se pretende com a presente proposta é instigar a discussão e contribuir para a construção de uma teoria para o turismo, onde os conceitos se apresentam como um importante item.

## **Considerações finais**

Influenciado pelo modelo fordista de produção e consumo, o turismo se tornou massivo e os destinos turísticos se tornaram homogêneos, com ínfimas diferenciações, alta concentração de visitantes, com um perfil padrão, em uma mesma localidade, principalmente em localidades onde é possível praticar o denominado “turismo de sol e praia” (Torres, 2002). No entanto, foi possível compreender que, com o surgimento de outro modelo na década de 1970, o Pós-Fordismo ocorreu uma movimentação do turismo de massa para uma atividade turística mais branda e diversificada, por conta de uma alteração nas preferências da demanda (Molina, 2003), surgindo assim vários novos segmentos (Pereiro *et al.*, 2012; Torres, 2002; Santana Talavera, 2003). Dentre esses segmentos encontra-se o turismo cultural, o turismo étnico e o turismo indígena.

Com a presente pesquisa compreendeu-se que a conceituação e divisão dos segmentos e tipos de turismo são importantes não apenas para a construção de teorias inerentes ao turismo, mas para que seja possível entender as diferenças, as similaridades e como os segmentos se interrelacionam.

A caracterização e conceituação dos tipos de turismo variam conforme a visão de cada autor. Pode-se perceber que há uma ampla variedade de conceitos, geralmente distintos. Para alguns autores, como Smith (1989) e Berghe e Keyes (1984), o turismo cultural é um segmento diferente do turismo étnico. Já na visão de outros estudiosos como Santana Talavera (2003), Smith (2003), Graburn (1989) e Faria (2005; 2007) o turismo cultural é um segmento mais amplo que

abarca, dentre outros, o turismo étnico. Nesse sentido também há quem defenda que o turismo étnico é uma mescla do turismo cultural com o turismo de natureza.

No que tange ao etnoturismo, alguns pesquisadores como Pereiro *et al.* (2012) e Faria (2005; 2007) abordam que esse termo abarca o turismo étnico e o turismo indígena e aborígine. Já Santana Talavera (2003) defende que o turismo étnico é um turismo alternativo ao turismo de massa, assim como o turismo ambiental e o ecoturismo.

Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de que diversos autores, como Smith (1989); Smith (2003) e Pereiro *et al.* (2012) utilizam a expressão “turismo indígena” generalizando o turismo envolvendo comunidades pertencentes a determinado território antes de sua colonização, sem fazer diferenciação entre indígenas e aborígenes. Também, alguns estudiosos abordam a relação entre ecoturismo e etnoturismo. Nesse sentido alguns acreditam que são diferentes interpretações de uma fronteira étnica (Lac, 2004), outros ressaltam que o turismo em áreas indígenas é associado por vezes ao ecoturismo, porém essa designação é neutra e não abarca a realidade em sua totalidade (Chaves, 2012; Guimarães, 2006). Por fim, destaca-se o fato de que não há uma diferenciação entre o turismo realizado por indígenas (emissivo) do turismo recebido pelos indígenas (receptivo), por isso faz-se necessário refletir sobre o termo “turismo indígena”.

Compreende-se com a presente pesquisa que, os estudos sobre o turismo estão em constante evolução e os investigadores adotam correntes de pensamento que acreditam ser pertinentes. Inserida nessa questão está a conceituação não apenas do que é o turismo e o turista, mas também o que caracteriza cada segmento dessa atividade. Desse modo o presente artigo teve como objetivo explorar as especificidades dos segmentos abordados e apresentar uma reflexão sobre os conceitos e as relações entre os segmentos, através da análise bibliográfica. Apresentou-se um esquema com uma proposta de divisão dos segmentos e tipos de turismo que permeiam o debate sobre a relação entre turismo e comunidades indígenas. Buscou-se com isso promover uma reflexão e instigar o debate acadêmico sobre conceituações inerentes ao turismo, contribuindo assim para o desenvolvimento da sua teorização e para a compreensão do fenômeno e da atividade turística como um todo.

## Referências

- Araújo, G. P. de; Gelbcke, D. L. (set./dez. 2008). Turismo comunitário: uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. *Turismo Visão e Ação*, Balneário Camboriú (SC), 10 (3), 358-377. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/770/625>>. Acesso em: 01/04/2014.
- Bahl, M. (2009). Dimensão cultural do turismo étnico. In: Netto, A. P.; Ansarah, M. G. dos R. (Eds.). *Segmentação do mercado turístico*. Barueri: Manole, 121-140.

- Barretto, M. (2005). Turismo étnico y tradiciones inventadas. In: Santana Talavera, A.; Prats Canals, L. (Coords.). *El encuentro del turismo con el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación*. Sevilla: FAAEE- Fundación El Monte, 39-56.
- Berghe, P. L. (1995). Marketing Mayas: Ethnic tourism promotion in Mexico. *Annals of Tourism Research*, 22 (3), 568-588. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016073839500006R>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Berghe, P.; Keyes, C. F. (1984). Introduction: tourism and re-created ethnicity. *Annals of Tourism Research*, 11, 43-352. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0160738384900264>>. Acesso em: 06 fev. 2014.
- Brito, T. M. (2009). Turismo e povos indígenas. *Anuário da Produção Acadêmica Docente*, 3 (4), 23-36. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/viewFile/999/713>>. Acesso em: 12/04/2014.
- Caleffi, P. (2003). "O que é ser índio hoje?" A questão indígena na América Latina/Brasil no início do Século XXI. *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus, Dinamarca, 7, 20-42. Disponível em: <[http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/23103\\_Cached.pdf](http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/23103_Cached.pdf)>. Acesso me: 01/04/2014.
- Campos, M. V. (2007). O turismo como instrumento benéfico às populações indígenas. *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, La Laguna, Espanha, 5 (2), 267-273. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/5207/PS100207.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Chaves, R. P. R. (2012). O turismo étnico em comunidades indígenas n Brasil: a Reserva Pataxó da Jaqueira e o Parque Indígena do Xingu. In: Asensio, R. H.; Pérez Galán, B. (Eds.). *El turismo es cosa de pobre? Patrimonio cultural, pueblos indígenas y nuevas formas de turismo en América Latina. Colección PASOS edita*, La Laguna, Espanha, 4, 115-129. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita8.pdf>>. Acesso em: 01/04/2014.
- Costa, F. R. (2009). *Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação*. São Paulo: SENAC.
- Faria, I. F. de. (2005). Ecoturismo: etnodesenvolvimento e inclusão social no Amazonas. *PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, La Laguna, Espanha, 3 (1), 63-77. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/3105/PS040105.pdf>>. Acesso em: 28/03/2014.
- Faria, I. F. de. (2007). *Ecoturismo indígena – território, sustentabilidade, multiculturalismo: princípios para a autonomia*. 204 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-17022011-095412/pt-br.php>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Fortunato, R. A.; Silva, L. S. (jan./abril 2013). Os conflitos em torno do Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde (CE). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 6 (1), 123-138. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/481/418>>. Acesso em: 28/03/2014.
- Gallois, D. T. (2004). Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: Fany, R. (Org.). *Terras indígenas e unidades de conservação da natureza*. 1 ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 37-41. Disponível em: <[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_institucional/dgallois-1.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/dgallois-1.pdf)>. Acesso em: 31/03/2014.
- González, M. M. (2008) ¿Etnoturismo o turismo indígena? *Teoría y Praxis*, Quintana Roo, México, 5, 123-136. Disponível em: <<http://www.teoriaypraxis.uqroo.mx/doctos/Numero5/Morales.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.

- Graburn, N. (1989). Turismo: el viaje al sagrado, In: Smith, V. L. *Anfitriões e invitados: antropologia del turismo*. Madrid: University of Pennsylvania Press/Ediciones Endymion, 45-68.
- Graburn, N. (2009). Antropologia ou Antropologias do Turismo? In: Grunewald, R. de A.; Graburn, N.; Barretto, M.; Steil, C. A.; Santos, R. J. dos. (Orgs.). *Turismo e antropologia: novas abordagens*. São Paulo: Papirus, 13- 52.
- Grunewald, R. de A. (2002). Tourism and cultural revival. *Annals of Tourism Research*, 29 (4), 1004 – 1021. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738302000051>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Guimarães, R. G. (jun. 2006). Turismo em terras indígenas já é fato: quem se arrisca?. *Revista Dialogando no Turismo*, 1, 15-42. Disponível em: <<http://www.rosana.unesp.br/revista/documentos/v1n1a2.pdf>>. Acesso em: 01/04/2014.
- Harvey, D. (1996). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lac, F. (2004). *O turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Iraí/RS*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp029037.pdf>>. Acesso em 30/03/2014.
- Lacerda, M. A. (2004). *Perspectivas de desenvolvimento local entre os Terena, na Aldeia Urbana Marçal de Souza, em Campo Grande – MS: a opção pelo etnoturismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7946-perspectivas-de-desenvolvimento-local-entre-os-terena-na-aldeia-urbana-marc-al-de-souza-em-campo-grande-ms-a-opcao-pelo-etnoturismo.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Lei n. 6.001, de 19 de dezembro de 1973. (1973, 21 de dezembro). *Dispõe sobre o Estatuto do Índio*. Diário Oficial da União, seção 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L6001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm)>. Consultado em: 28/03/2014.
- Maldonado, C. (2009). O turismo rural comunitário na América Latina: Genesis, características e políticas. In: Bartholo, R.; Sansolo, D. G.; Bursztyn, I. *Turismo de Base Comunitária - diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 25-44.
- Molina, S. (2003). *O pós-turismo*. São Paulo: ALEPH.
- Oliveira, A. M. de; Jesus, D. L. de. (jan. 2010). Territórios étnicos: narrativas de um processo participativo para o desenvolvimento da atividade turística. *Cultur*, Ilhéus (BA), 4 (1), 59-75. Disponível em: <[http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao7/artigo\\_5.pdf](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao7/artigo_5.pdf)>. Acesso em: 30/03/2014.
- Oliveira, V. M. de. (2006). *Turismo, território e modernidade: um estudo da população indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira)*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04062007-160917/pt-br.php>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Pereiro, X. (2009). *Turismo cultural: uma visão antropológica*. La Laguna, Espanha: ACA y PASOS, RTPC. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita2.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.
- Pereiro, X.; Leon, C. de; Martínez Mauri, M.; Ventocilla, J.; Del Valle, Y. (2012). *Los turistas Kunas: antropología del turismo étnico en Panamá*. Palma, Espanha: Universitat de l'Isles Illes Balears. Disponível em: < <https://www.yumpu.com/es/document/view/23354980/los-turistas-kunas-antropologia-del-turismo-etnico-en-panama>>. Acesso em: 01/04/2014.



Ribeiro, D. (1957). *Línguas e culturas indígenas do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

Sampaio, C. A. C.; Fernandes, V.; Philippi Junior, A. (2010). Planejamento e gestão de turismo comunitário sustentável: metodologia PEC e SiGOS. In: Philippi Junior, A. Ruschmann, D. V. de M. (Eds.). *Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo*. Barueri, SP: Manole. Coleção Ambiente, 9, 151-171.

Santana Talavera, A. (out. 2003). Turismo cultural, culturas turísticas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 9 (20), 31-57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a02.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.

Santos, F. dos. (2006). *O povoamento das Américas através de estudos de ancestralidade paterna*. Anais do Simpósio Internacional "O povoamento das Américas" (2, São Raimundo Nonato, PI). Disponível em: <<http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos7/artigos/11%20fabricio%20dos%20santos.pdf>>. Acesso em: 30/03/2014.

Smith, M. K. (2003). *Issues in Cultural Tourism Studies*. London: Routledge.

Smith, V. L. (1989). Introducción. In: Smith, V. L. *Anfitriones e invitados: antropología del turismo*. Madrid: University of Pennsylvania Press/Ediciones Endymion.

Swain, M. B. (1989). Roles de genero en el turismo indigenista: las molas de los Kunas, Kuna Yala y la supervivencia cultural. In: Smith, V. L. *Anfitriones e invitados: antropología del turismo*. Madrid: University of Pennsylvania Press/Ediciones Endymion, 139-169.

Swarbrooke, J.; Horner, S. (2011). *O comportamento do consumidor no turismo*. São Paulo: Aleph.

Torres, R. (2002). Cancun's tourism development from a Fordist spectrum of analysis. *Tourism Studies*, Londres, 2 (1), 87–116. Disponível em:

[http://www.sagepub.com/mcdonaldizationstudy5/articles/Leisure%20and%20Tourism\\_Articles%20PDFs/Torres.pdf](http://www.sagepub.com/mcdonaldizationstudy5/articles/Leisure%20and%20Tourism_Articles%20PDFs/Torres.pdf)>. Acesso em: 30/03/2014.

Yázigi, E. (dez. 2007). Ensaio metodológico de manejo turístico em áreas indígenas. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 1 (2), 137-183. Disponível em: <<http://rbtur.org.br/rbtur/article/view/89>>. Acesso em: 31/03/2014.